

Globalização e Educação a Distância: novos desafios na formação do professor*

Vera Lúcia Marques Leite

Mestre em Educação/PUCRS e Professora da Universidade Federal de Mato Grosso/Instituto de Educação/Membro do Núcleo de Educação Aberta e à Distância –UFMT/IE/NEAD.
e-mail: vemleite@zaz.com.br

Resumo

O texto discute a EAD, no contexto e no processo de globalização, evidenciando que, apesar do seu desenvolvimento ligado ao avanço das novas tecnologias da informação, esta não é sinônimo daquela. Faz uma discussão sobre os conceitos de tempo/espaço e presencialidade na EAD, mostrando que estes paradigmas ajudam a romper, em relação à educação presencial, e devem ser resignificados em um projeto político pedagógico que tenha compromisso com uma educação de qualidade. Enfim, procura mostrar que a EAD, ao possibilitar o rompimento desses paradigmas, deve servir como aparato à democratização do acesso e da permanência na escola, deve se colocar, pois, a serviço da inclusão social.

Palavras-chave

Educação a distância - tecnologia - paradigmas de educação.

Abstract

The text discusses On-Line Education in the context of the globalisation process, showing that, in spite of this development in connection with new information technologies, the two are not synonymous. There is a discussion of the concepts of time/space and the being present aspect of On-Line Education, showing that these new paradigms help to break those in relation to education with student presence and should be given other significance in a political-pedagogical project which has the obligation of education with quality. In short, the article seeks to show that On-Line Education, in breaking with these paradigms, should serve as a display of democratisation of the access and of the permanence in the school, it should be, after all, at the service of social inclusion.

Key words

On-Line Education - technology - educational paradigms.

* Palestra apresentada na UCDB/MS por ocasião da comemoração dos 40 anos do Curso de Pedagogia e Letras.

Introdução

O panorama complexo e dinâmico da globalização traz novos desafios a educação. Estamos vivendo uma nova ordem mundial e este processo que, entre outros fatores, está sendo impulsionado pelo avanço das novas tecnologias da informação, tem como sustentação muito mais o poder econômico do que o poder político.

Há nesta nova ordem um rearranjo do capital. Há uma desestabilização e uma reorganização do poder econômico. A visão tecnocrática que fundamenta o processo em curso traz consigo a globalização do mercado e, com ele, a exclusão sem precedentes. São excluídos aqueles que não têm poder de acesso ao mercado globalizado.

Esta situação afeta diretamente ao trabalhador, que não tem a qualificação necessária para atender às exigências postas por este mercado. É com este parâmetro que há a necessidade de se repensar a formação do trabalhador e, nela, a formação do educador.

Exige-se que o trabalhador consiga compreender todo o processo de produção e não mais uma cultura desinteressada e fragmentária. Embora tenhamos claro o papel de mediação contraditória exercido pelas novas tecnologias da comunicação e pela globalização, não podemos ignorar que ambos representam desafios que afetam profundamente o cenário escolar.

Garcia (2001), baseado no relatório Delors, recentemente publicado no país, alertou que o processo de formação traz exigências em duas direções: de um lado,

novos padrões de conduta para a sobrevivência em uma sociedade mais competitiva, com menos emprego e na qual os jovens devem conviver e ser; de outro, fixa-se novos parâmetros de desempenho profissional exigindo processos de formação mais específicos voltados para o domínio de habilidades, o que enfatiza necessidades de formação continuada.

Neste contexto, quando o avanço tecnológico cria inéditas oportunidades de interação, de acompanhamento e de controle, ressurgem o tema da Educação a Distância.

O tema não é novo, pois seus indícios remontam ao século XVIII, ressurgem agora assumindo tríplices aspectos de educação supletiva, de educação continuada ou educação complementar e pode tornar-se um eficiente meio para auxiliar, para minimizar o processo de inclusão social, pois transpõe os limites da educação convencional, podendo alcançar largas camadas da população que não tiveram acesso, na época certa, à escolaridade.

Por outro lado, o seu ressurgimento tem contribuído para a redefinição dos paradigmas de tempo, espaço, interação e presencialidade, na Instituição Escolar. É sobre esses aspectos trazidos à tona pelo ressurgir da EAD, dentro do contexto das novas tecnologias da comunicação, que este texto pretende discutir.

Desde já é importante deixar claro, porém, que EAD não é sinônimo de novas tecnologias, será, apenas, a referência ao texto. As novas tecnologias e o processo de globalização traz consigo mitos como a democratização do ensino, da possibilidade da interatividade, entre outros, que aliás

são bem explorados no texto de Aparici (1999, p. 1770). É importante deixar claro que o material escrito tem sido o recurso didático por excelência de muitos programas de EAD, de muito boa qualidade.

O meu ponto de partida teórico é o entendimento de que a educação é uma prática social, construída historicamente e ligada às condições materiais de existência e, neste sentido, tem como pano de fundo a definição de que as relações de produção da sociedade brasileira é capitalista e dependente. O uso de novas tecnologias na educação tem sido um instrumental cada vez mais procurado, mas não se pode esquecer que um curso de qualidade não se faz apenas pelo uso de tecnologias, e sim uma série de questões que passam pela qualificação e compromisso dos profissionais que nele atuam, perpassando um projeto político pedagógico eficaz e eficiente.

1. Aspectos históricos e conceituais da EAD

Nos últimos anos, tem sido numerosa a literatura sobre a temática da EAD. Uma definição precisa do seu significado, no entanto, não é tarefa fácil, segundo Aretio (in Pretti, 1996), a EAD "é uma expressão imprecisa e que a ela podem se atribuir os mais diferentes sentidos". Sentidos políticos, tecnológicos, enfim, diferentes autores têm buscado uma definição para esta modalidade.

Em muitos casos, a EAD é identificada com a educação aberta. De um modo geral, a educação aberta organiza-se em instituições segundo modelos mais ou

menos industriais de produção e distribuição de cursos, apostando na economia para otimizar os altos investimentos iniciais necessários à sua implantação. Parece-me, entretanto, que a educação aberta não tem o compromisso com a certificação formal dos estudos realizados.

No que diz respeito a educação a distância, tomo como referência Aretio (in Pretti, 1996, p. 25), que define a EAD pela distinção em relação à educação presencial da seguinte forma:

[...] é um sistema de comunicação bidirecional que pode ser massivo e que substitui a interação pessoal na sala de aula entre professor e aluno como meio preferencial pela ação sistemática e conjunta de diferentes recursos didáticos e o apoio de uma organização e tutoria que produzem uma aprendizagem independente e flexível.

A análise da definição nos remete à compreensão de que se trata de uma educação mediatizada por diferentes meios e que uma das suas características é a ausência de presencialidade na relação professor-aluno, o que exige toda uma organização e uma forma de gestão específica e necessária para que a aprendizagem se realize.

Entendida, pois, como ação sistemática, instrumentada por uma metodologia peculiar, com o objetivo de atender a uma demanda cada vez maior de pessoas necessitadas de educação e que, no entanto, não se enquadrem nos limites do sistema formal, a Educação a Distância é um fenômeno novo e um importante marco no panorama educativo da atualidade.

A institucionalização da EAD, como se vê, não é de longa data e uma análise histórica e longitudinal pode considerar seu

avanço em algumas fases distintas, diretamente ligadas ao avanço tecnológico: ensino por correspondência; ensino pelo rádio e telefonia; ensino pela televisão e vídeo cassette; e ensino por computação e informática; ou, ainda, combinando vários meios.

Esta primeira etapa não tem um marco inicial muito definido e G. Aretio (1996, p. 4) fez referência ao fato de que as mais antigas civilizações se utilizaram da correspondência, sendo este o germe mais remoto da atual EAD. Neste sentido, ressalta o papel exercido pelas cartas de Platão a Dionísio, na civilização clássica e, também, posteriormente, as epístolas de São Paulo, entre outros, apenas para marcar a referência.

Alguns autores, porém, sinalizaram que os primeiros indícios de EAD, próximo ao que compreendemos hoje, remontam ao século XVIII, aproximadamente no ano de 1728, quando, por meio de anúncio em um jornal, em Boston, matérias de ensino e tutoria eram oferecidos à distância (Aretio, 1996, p. 24). Outros autores, porém, dataram os primórdios da educação a distância no ano de 1889, quando a Universidade de Chicago instituiu o estudo por correspondência, incorporando a modalidade à Universidade.

Com este recurso de apoio, a correspondência, podemos constatar que, no final do século XIX, criaram-se, nos Estados Unidos, inúmeros cursos para capacitação em diversos ofícios.

O auge desta etapa, porém, está diretamente relacionada ao desenvolvimento dos Correios, que é a Instituição economicamente viável, que se encarregará do trânsito do material de ensino, entre

professor e aluno. Esta forma de dar vida ao ensino à distância perdurou até 1950 e marcou quase um século de existência. Mas não registra credibilidade a nova modalidade e sequer arranha a imagem elitista do ensino tradicional.

Após a Segunda Guerra Mundial, com a extensão do rádio e da telefonia, a EAD experimentou uma segunda fase. Para citar alguns exemplos, em Paris, em 1947, aconteceram as aulas magistrais, por meio do Rádio Sorbone, a implantação da UNISA (Universidade do Sul da África), considerada a 1ª Instituição de Ensino à Distância e, para nos inserirmos nesse processo, vale dizer que, no Brasil, na década de 60, surgiram o projeto Minerva e o projeto IRDEB (Instituto de Rádio difusão do Estado da Bahia), utilizando-se da rádio/telefonia. Todos, pela experiência parisiense ou brasileira, constituem-se exemplos desta etapa que, tendo o rádio e a telefonia como aporte, não abandonou a correspondência escrita, mas implementou e reforçou esta modalidade de educação que se pretende mais aberta e democrática.

Mas foi com advento da televisão e do vídeo cassette que a EAD encontrou um poderoso aliado e alcançou a sua terceira fase. Incorporando o já conhecido texto por correspondência, os novos recursos técnicos de áudio e vídeo auxiliaram a construção de programas atrativos que estimulassem e tornassem o ensino do “aluno à distância” mais vivo, concreto e, por que não dizer, “mais aconchegante”, uma vez que o aluno não estava mais tão sozinho, pois “conversava” com o professor, mesmo que este estivesse do outro lado da câmera.

Não por acaso é nesta etapa que se expandiram as ofertas de cursos superiores pela modalidade à distância. Cursos oferecidos por instituições que se aperfeiçoaram e se consolidaram, dando, mundialmente, alguns passos na construção da aceitabilidade desta modalidade de ensino. Neste período, registrou-se, apenas para citar algumas, a criação, na França (em 1963) de cinco faculdades utilizando-se da modalidade à distância (de Letras e uma de Direito, esta em Paris). Registrou-se, também, na Inglaterra, a criação da Open Univerty; da Universidade Aberta a Distância (UNED), na Espanha, em 1973, e a Universidade Aberta de Portugal. Estas Instituições Universitárias, utilizando-se integralmente da modalidade à distância, deram-lhe maior visibilidade.

Pela influência que a Europa exercia na América Latina, registrou-se a criação, neste período, da UNED (Universidade Aberta a Distância), em Costa Rica.

A quarta fase da historiografia da EAD demonstra a consolidação de uma característica da modalidade, "a inclusão e não a supressão dos recursos de apoio ao ensino". Neste sentido, as inovações tecnológicas, em especial, o aperfeiçoamento da informática, vem se incorporar aos tantos outros recursos de que a EAD já se utiliza para desenvolver o ensino. São complementos que não deixam em desuso o texto escrito. Esta questão é importante, pois o material escrito continua sendo a base de apoio da maioria dos cursos, por meio da EAD. Considera-se, assim, a diversidade das regiões mundiais, na qual, em alguns lugares, não existe, sequer, um oferecimento

regular de luz elétrica.

É provável que a origem da educação à distância tenha fixado uma apreciação negativa de muitas de suas propostas, vez que esta afeta o oferecimento de cursos técnicos e de baixos custos, que a educação presencial não se preocupava em cobrir. Além disso, o fato de se ter transformado em uma segunda oportunidade de estudo para pessoas que fracassaram em uma instância juvenil não evitou essa depreciação, mas lhe imprimiu um novo selo: o do descrédito.

Transcorreram várias décadas até que a educação a distância se estabelecesse no mundo dos estudos como uma modalidade competitiva perante a oferta da educação presencial.

Mas, nos anos 60, foi que sinalizaram, o grande avanço da educação a distância. Nessa década, ela se institucionalizou, no tocante ao ensino médio e superior, na Europa e, após, em outros continentes. Hoje, é grande o número de países que a adotam, havendo também crescido o número de organizações que buscam essa modalidade de ensino como forma rápida e eficaz de capacitar seus recursos humanos.

O vertiginoso desenvolvimento da educação a distância, incorporada aos sistemas de capacitação demonstra algumas possibilidades desta modalidade para a educação permanente, que a educação presencial não pode negar.

Um desenvolvimento importante em termos de oferta e matrícula é constituído pelos cursos ditados pelas diferentes associações profissionais ou aquelas relacionadas com sindicatos, meios de comunicação ou

entidades comerciais. Essas instituições respondem às demandas dos diferentes profissionais, dando credibilidade aos cursos e gerando uma ampla oferta de propostas não-formais (Litwim, 2001, p. 16).

Assim, enquanto ação sistematizada com metodologia específica de aprendizagem, no âmbito de um processo de indução social, pode viabilizar, pela EAD, a democratização do acesso à educação. Ela contribui para propiciar aprendizagem autônoma e para redefinir paradigmas da educação presencial. A EAD pressupõe uma organização cujo ensino favorece a aprendizagem individual, em um reconhecimento de que o aluno pode decidir o espaço e o tempo de seus estudos, respeitando o ritmo de sua aprendizagem.

Aspectos importantes que podem ser incorporados a estes são a ausência da presencialidade e o uso de diferentes tecnologias com a finalidade de motivar e estimular o estudante.

Essas características da EAD fazem da mediação a sua essência, pois se utiliza de diferentes meios, momentos e lugares. Uma organização de apoio é fundamental nesse processo. Há que se construir um novo modelo de gestão, pois a educação a distância, paradoxalmente, pressupõe apenas a distância física e não a distância virtual. Costumo dizer “educação a distância não é distante”. Apesar de ser a distância, deve também procurar estabelecer situações que o aluno possa dialogar, criticar e participar.

Essa modalidade que, de seu próprio nome, diz “a distância”, paradoxalmente, pressupõe o estudo individual ou em grupo, em lugar e hora definidos pelos próprios

alunos, que se valerão do uso de tecnologias, opção viável e amplamente utilizada, em nossa sociedade e em nosso tempo, marcado pela evolução tecnológica. Tecnologias essas que não excluem o velho material impresso.

2 - Quebrando paradigmas e desvendando mitos: novos tempos novos espaços, outra presencialidade

Hoje entendemos que o desenvolvimento atual da tecnologia favorece a criação e o enriquecimento das propostas na educação à distância, na medida em que permite abordar, de maneira ágil, inúmeros tratamentos de temas, assim como gerar novas formas de aproximação entre docentes e alunos, e de alunos entre si.

O acesso e a informação constantemente renovada surgem, porém, como valores agregados. O que, na verdade, a EAD traz à tona são novos paradigmas: um novo tempo, um novo espaço, uma nova presencialidade a contribuir para um novo olhar à questão da formação.

No sistema tradicional de ensino, o tempo de escolarização é o tempo de permanência na escola, limitado ao tempo cronológico para o cumprimento de etapas do ensino e horário escolar fixos.

Tendo como parâmetro que o tempo e o espaço constituem-se em conceitos inerentes aos processos educacionais, pois são conceitos que favorecem a administração e o controle da aprendizagem, observamos que, na modalidade “a distância”, trabalha-se com uma dimensão diferente

de tempo e de espaço, que são dimensionados pelo crivo da mediação dos múltiplos. O tempo aqui é o da disponibilidade do aprendiz, que pode utilizá-lo a seu critério e sob o seu ritmo próprio de aprendizagem, já que as informações e o material de aprendizagem, geralmente, estão disponíveis 24 horas no dia.

A nova forma de olhar que se lança aos conceitos, propiciada pela EAD, é muito marcada pelo conceito de flexibilização que marca a proposta de EAD desde o seu início.

E, para falar de tempo, tomamos a fala de Passos (2000), que nos informa que o tempo utilizado na escola é o tempo capitalista, é o tempo útil esboçado na perspectiva da Revolução inglesa, qual seja:

O tempo para nossa sociedade é o tempo cronológico (cronos X npovoo) marcado útil, contado, medido, seqüencial, que se contrapõe com outro tipo de tempo, também dos gregos, chamado Kairos – tempo de eventos, de acontecimento de caráter singular e único. O primeiro tempo passa a ter um sentido dominante com a modernidade, inauguram-se nela, os relógios de torre, especialmente das Igrejas, como bem destaca Foucault; demarcam horas íntimas circunscritas pelo tempo e disciplina o trabalho. Cobram a produção social material e os tempos livres subordinados ainda à produção, e o tempo religioso marcadamente de renúncia para os trabalhadores de submissão. Marca ainda a morte, a transitoriedade como forma de controle dos corpos, da mente e da força de trabalho.

Este é o tempo da escola, e trata-se, pois, do tempo cronológico, de um tempo datado, marcado pela seqüência do antes e depois. O tempo do instante, de caráter

singular, em que se constroem momentos individuais e únicos, a escola não deixa existir.

Ao lado do conceito de tempo, a escola presencial trabalha o conceito de espaço, cujo pressuposto teórico está ligado às proposições da geografia física, “disciplina que recorre às contribuições da cartografia para estabelecer como norma técnica o emprego de escalas – gráficas ou numéricas – para medir as distâncias entre diferentes pontos do planeta” (Coiçáude in Passos, 2000, p. 55).

A lógica da escola presencial, pois, reifica ambos os conceitos, como nos diz Passos (2000), *enfrentar o tempo em nós é por-se numa saga cotidiana*, e a escola se afirma demonstrando o caráter dramático desta reificação, havendo que se perguntar:

Que lógica norteia a organização temporal, a organização dos espaços e distribuições de conteúdos e das aprendizagens? Organizar e administrar o tempo é uma das tarefas mais conflitivas... O movimento dos trabalhadores vem lutando para por alargar o tempo de escola. Os jovens lutam por adequar o tempo rígido do trabalho a um tempo mais flexível de educação. Por que o tempo é tão conflitivo? Por que é um tempo instituído, que foi durante mais de um século se cristalizando em calendários, níveis, séries, semestres, bimestres, rituais de transmissão, avaliação, repetência [...] (Arroio in Passos, 2000, p. 3).

Além de resignificar o tempo, há que se considerar o que compreendemos por *distância*. Distância ligada ao espaço físico? Distância social? Pode-se compreender o conceito pelas múltiplas representações que os diferentes atores podem fazer dele.

Há, na verdade, que se resignificar o conceito de espaço na EAD. Este tanto pode

estar ligado ao espaço físico, compreendido como o espaço/limite da sala de aula, como espaço/território. Ambos se interconectam. No primeiro, consideram-se as questões pedagógicas que podem se afetar pela distância professor/aluno; no segundo, consideram-se as questões legais que cercam a certificação.

Assim, considerando que o acesso compartilhado de informações localizadas em outros computadores, situados em outras regiões e países, multiplica em milhares de vezes o poder do computador de origem e as possibilidades da aprendizagem, quebra-se o tempo e o espaço marcado pela distância física e possibilita-se a interatividade. A questão da relação professor/aluno pode ser resolvida por esta via ou por uma forma de gestão em que se preveja o apoio de um orientador acadêmico, que se quebra em um processo de virtualidade.

Uma nova realidade, um novo ambiente, diferente de tudo que já se viu se descortina, modificando conceitos e formas de agir em todos os campos do saber. A interconexão global se intensifica, gera mudanças na relação tempo/espaço.

Não é, porém, tarefa fácil definir de forma clara o que é o mundo virtual e seus desdobramentos no tempo e no espaço. No uso corrente, a palavra virtual é empregada para significar a ausência de realidade. No senso comum, ao real opõe-se o virtual. Para Lévy (1997, p. 15), em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes.

O virtual é como um complexo problemático, o nó de tendência ou de forças que acompanha uma situação [...] o virtual constitui a entidade, a virtualidade inerente a um ser [...] um verdadeiro devir que alimenta de volta o virtual.

Não se pode descurar, no entanto, que o conceito no senso comum traz uma indicação clara que não se deve negligenciar; "*o virtual, não está presente*" e supõe algo que é intrínseco: "o desprendimento do aqui e agora" (Lévy, 1997, p. 19).

É neste sentido que se entrelaça o virtual aos conceitos de tempo/espaço. Virtual é um mundo não tangível que se encontra no mesmo tempo e em todos os espaços. Virtual é o que está contido na Rede Mundial de Computadores, não sinônimo desta, está presente em um tempo real, em diversos espaços. O tempo é uma abstração, é construído, singular.

Nesse novo tempo/espaço não existe direção ou limites territoriais, tanto faz para o norte ou para o sul, ou seja, o conceito de fronteiras desaparecerá quando o usuário acessar suas contas de internet de qualquer lugar do mundo, por meio de satélites, dispositivos sem fio e navegar enviando ou recebendo informações.

O ensino agora se desenvolve por diferentes lugares e meios. E, nesse afã, alguns podem pensar no deslocamento das funções da escola, antes freqüentada por seus alunos, para aquisição e acesso ao conhecimento e que agora pode assumir outras tarefas.

A escola, tal como entendida tradicionalmente, não é mais a única agência de ensino e não mais detém o monopólio do conhecimento, hoje disseminado em dife-

rentes instâncias e âmbitos diversos, mas não perde o seu papel.

Há que se considerar ainda que:

O contato, ainda que mediatizado, dos indivíduos com eventos e idéias existentes em outras culturas tem um efeito de contextualização (com relação ao mundo local vivido) e recontextualização num mundo globalizado que, embora tecnicamente virtual, fornece-lhe novos parâmetros para compreender seu contexto local (Belloni, 1999, p. 4).

É neste sentido que a Educação a distância, ao trabalhar com metodologias não presenciais, com outros tempos/espacos e presencialidades e, trazendo à tona a questão da flexibilidade, coloca em confronto o local, o nacional e o internacional, enquanto níveis distintos e indistintos. O aluno da EAD é, ao mesmo tempo, local e global.

Assim, a escola, com o ressurgir da EAD, pressupõe não apenas um olhar diferenciado ao tempo e ao espaço, mas pressupõe, também, um novo modelo de gestão no qual a presencialidade do professor é mediatizado pelo uso de aparatos, hoje, muito impulsionados pelas novas tecnologias da informação, mas, como já foi dito, não pode deixar no esquecimento o velho material escrito.

Mas não vejo antagonismos ou a possibilidade de substituição da educação presencial pela EAD. Vejo, apenas, mitos. Adotar um tempo/espaço e outra forma de se colocar a presencialidade diametralmente, opostos ao que se usa convencionalmente, significa, apenas, pôr em debate a questão da diversidade.

3 - Desafios para a formação do professor

Para compor esta parte, estarei tomando como referências duas falas de Garcia (2000), compostas quase que em tempos simultâneos. O autor disse que, para a Escola, convergem hoje demandas de formação cada vez mais abrangentes. Da escola, cobram-se os desafios da educação no novo milênio e que aparecem sintetizados no Relatório da UNESCO, pelo qual são indicados os grandes eixos norteadores da educação no século XXI quais sejam a **Aprender a Conhecer, Aprender a Fazer, Aprender a Conviver e Aprender a Ser.**

Ao fazer uma releitura desses eixos contidos no Relatório Garcia (2000), indicam que estas dimensões representam o que o novo século deve contemplar para formar o cidadão de uma nova era, em que os referenciais da produção material, do trabalho assalariado, do lazer e da solidariedade, entre outros, já estão aparecendo sob novas formas, respondendo, assim, às novas realidades criadas pelas grandes transformações ocorridas nas últimas décadas, especialmente nas áreas da economia e das comunicações.

O autor referiu ainda que, em outra direção, o processo de globalização excludente fixa novos parâmetros de desempenho profissional e tende a exacerbar processos de formação mais específicos, voltados para o domínio de habilidades que enfatizam necessidades de aprendizagem continuada.

De um lado, o autor disse que defende a ampliação das funções educativas para

que os jovens estejam melhor preparados para enfrentar os desafios do novo século, de outro, defende os conceitos de educação versus treinamento, de educação para uma cidade ou para o mundo, educação diante do mundo natural e as relações sociais, entre outros. Estes aspectos, porém, ganham novas significações em razão do predomínio das soluções economicistas que invadem a área educativa de forma avassaladora.

Por outro lado, há *uma tendência de se fixar uma ampliação da responsabilidade das funções docentes*. O autor alertou que, no entanto, a Escola não pode ser responsabilizada com se ela fosse a agência responsável por solucionar todos os problemas sociais trazidos pelo processo de globalização. Esta é uma ótica reducionista que traduz um dos mitos já referidos anteriormente, "A formação generalista ou especializada não demite o professor de sua função básica de educador".

Afinal, Garcia (2001, p. 12) afirmou:

Os antigos manuais de pedagogia falavam nas antinomias pedagógicas para caracterizar que todo processo educativo encerra em si posições contraditórias e que, no entanto, todos deveriam entender que, mesmo assim, educar sempre foi mais importante e interessante do que não fazê-lo.

Considerações finais

Buscamos mostrar que a EAD é uma alternativa pedagógica que não deve ser entendida simplesmente como um conjunto de tecnologias postas a serviço de uma determinada clientela, embora sua história muito se aproxima dos avanços das tecnologias. Porém, o aparato tecnológico que a EAD

pode se utilizar deve, apenas, atender aos objetivos propostos dentro de uma política bem delineada de formação e qualificação de pessoal, que deve ser assentada em uma concepção de homem e sociedade, na qual as necessidades da população devem ser o ponto de sustentação.

Os paradigmas de tempo/espaço e presencialidade que a EAD ajuda a romper devem ser resignificados em um projeto político pedagógico que tenha compromisso com uma educação de qualidade. Enfim, a EAD, ao possibilitar o rompimento de paradigmas, deve servir como aparato à democratização do acesso e da permanência na escola, deve se colocar, pois, a serviço da inclusão social.

O mais importante, contudo, é não perder de vista que as tecnologias mais modernas não garantem a qualidade das propostas de formação. Os materiais didáticos devem ser concebidos para uma página web ou para um livro didático, encerrando a organização do saber a ser reorganizado pelo aluno de forma a gerar uma boa aprendizagem.

Entendemos, enfim, com Litwin (2001, p. 20), que no advento do processo de expansão da EAD, em nosso país, algumas perguntas de ordem política devam ser feitas:

A oferta (do ensino) está aumentando como resposta a um crescimento da demanda ou é ela que gera nova demanda?

Os espaços/tempos educacionais estão sendo democratizados, de forma a permitir que setores que antes não tinham acesso a educação passem a ter?

Novos espaços/tempos estão sendo criados, promovendo, por sua vez novas marginalizações?

Para encerrar, não vou me referi a

tempos/espacos ou outras presencionalidades e politicas, mas a sonhos, sonhos de uma crianca de 10 anos de idade e da qual conheço apenas o sonho:

*Meu sonho de criança
É um Brasil de esperanca
Sem fome, nem sede.*

*Meu sonho de futuro
É um Brasil maduro
Construido, evoluído e vivido.*

*Meu sonho de gente
Não é um Brasil carente
É um Brasil contente
É um Brasil presente*

*É o Brasil de todos
Não só meu
O seu e o nosso Brasil.*

(Stefany Cristina Tomaz Braz, 10, 4 série. In: Almanaque Brasil de Cultura Popular da TAM).

Referências bibliográficas

- APARICI, Roberto. Mitos de la educación a distancia y de las nuevas tecnologías. In: RODRÍGUEZ, Eustaquio M. *La educación a distancia en tempo de cambios*. Madrid: De la Torre, 1999.
- BELLONI, Maria Luiza. *Educação a distancia*. Campinas: Autores Associados, 1999.
- BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da Modernidade*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- BOBBIO, N. *A era dos direitos*. Rio de Janeiro: Campus, 1992.
- GARCIA, Walter. *Perspectivas em conflito na formação do professor: notas para um debate*. Palestra: Espírito Santo, set. 2001a.
- _____. *A Educação que queremos no século XXI*. Palestra proferida em Campo Grande, out. 2001b.
- HAWKING, S. W. *Uma breve história do tempo: do Big Bang aos buracos negros*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LEITE, Vera Lucia M. *A morte do diploma nacional: ou de como fica a certificação no ciberespaço*. (no prelo)
- LEVY, Pierre. *O que é cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- LITWIM, Edith (org.). *Educação a distância: temas para o debate de uma nova agenda educativa*.
- PASSOS, Luiz Augusto. *Aguaçu na dança: ó tempora, ó mori*. Cuiabá, 2000. Dissertação (Mestrado) - UFMT/IE.
- PRETTI, Oreste. Educação a distância: uma prática mediatizada. In: PRETTI, Oreste (org.). Educação a distância: início e indícios de um percurso. Cuiabá: NEAD/IE - UFMT, 1996.
- SANCHO, Juana M. *Para uma tecnologia educacional*. Porto Alegre: Art méd, 1998.